



LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE

BEATRIZ DE SOUZA LIMA
MARIA CLAUDIANA BEZERRA DA SILVA NETA

REVELANDO O INVISÍVEL: a obesidade sob a perspectiva das crianças
Uma revisão integrativa

NATAL
2023

BEATRIZ DE SOUZA LIMA
MARIA CLAUDIANA BEZERRA DA SILVA NETA

REVELANDO O INVISÍVEL: a obesidade sob a perspectiva das crianças
Uma revisão integrativa

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Nutrição do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, como exigência para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Me. Helry Costa da Silva



SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

Revelando o invisível: a obesidade sob a perspectiva das crianças Uma revisão integrativa da literatura

Revealing the Invisible: Obesity from Children's Perspective

an integrative literature review

Beatriz de Souza Lima¹
<https://orcid.org/0009-0000-1023-663x>
beatrizdesouza2222@gmail.com

**Maria Claudiana
Bezerra da Silva Neta¹**
<https://orcid.org/0009-0006-1193-1224>
clau280205@gmail.com

**Helry Costa da
Silva¹**
<https://orcid.org/0000-0001-5614-2647>
helrycosta@hotmail.com

Resumo: Esta revisão integrativa de literatura explora estudos sobre a percepção de crianças a respeito da obesidade e as suas representações sociais. Foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no PubMed, por meio do cruzamento dos seguintes descritores na língua portuguesa “obesidade”, “crianças”, “estereotipagem”, “estigmatização”, “estigmação” e “percepção estereotipada” e, na língua inglesa, utilizou-se “obesity”, “children” e “stereotyping”. Obteve-se uma amostra composta por 14 artigos. Por meio da Análise Temática de Conteúdo (BARDIN, 2011), conseguiu-se expressar quatro categorias fundamentais: 1) estereótipo negativo; 2) obesidade e o princípio da contaminação; 3) relações interpessoais e 4) obesidade e deficiências. Os resultados evidenciam que a obesidade é vista de maneira estigmatizada pelas crianças, recebendo sempre um estereótipo negativo, sendo fundamental a promoção de políticas públicas para inclusão e o respeito às diferenças desde a infância, quer seja por pais e/ou responsáveis, bem como pelas escolas, visando um ambiente menos nocivo e menos estigmatizado para que as crianças possam ter garantia do direito de crescer saudáveis e felizes, independentemente de seu peso ou aparência física.

Palavras-chave: obesidade; estigmatização; crianças.

Abstract: This integrative literature review explores studies on children's perception of obesity and their social representations. Searches were carried out in the following databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and in PubMed, by crossing the following descriptors in the Portuguese language “obesity”, “children”, “stereotyping”, “stigmatization”, “stigmation” and “stereotypic perception” and, in the English language, “obesity”, “children” and “stereotyping” were used. A sample composed of 14 articles was obtained. Through Thematic Content Analysis (BARDIN, 2011), it was possible to express four fundamental categories: 1) negative stereotype; 2) obesity and the principle of contamination; 3) interpersonal relationships and 4) obesity and disabilities. The results show that obesity is seen in a stigmatized way by children, always receiving a negative stereotype, being fundamental the promotion of public policies for inclusion and respect for differences from childhood, either by parents and/or guardians, as well as by the schools, aiming at a less harmful and less stigmatized environment so that children can have the guarantee of the right to grow up healthy and happy, regardless of their weight or physical appearance.

Keywords: obesity; stigmatization; children.

¹ Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNIRN, Natal, RN, Brasil.

Introdução

A obesidade é um problema de saúde pública global crescente na sociedade contemporânea, afetando não apenas adultos, mas também crianças e adolescentes. O Ministério da Saúde e a Organização Panamericana da Saúde apontam que 12,9% das crianças brasileiras entre 5 e 9 anos de idade têm obesidade (ABESO, 2019). A estigmatização em relação ao excesso de peso corporal é uma realidade presente desde a infância, gerando estereótipos negativos e impactando a perspectiva das crianças sobre si mesmas e sobre os outros (JARVIE, et al., 1983; VAZQUEZ, 2001). Estudos revelam que crianças obesas são estigmatizadas desde tenra idade, tanto por seu círculo social quanto pela mídia, sendo consideradas menos atraentes, desastradas, preguiçosas e com menor probabilidade de sucesso escolar (CRAMER; STEINWERT, 1998; LATNER; STUNKARD, 2003).

O estigma relacionado ao tamanho corporal afeta crianças pré-escolares, desde os três anos de idade, independentemente do gênero ou constituição corporal. Surpreendentemente, crianças com excesso de peso são ainda mais estigmatizadas do que aquelas que não estão acima do peso. Essa estigmatização não se limita apenas aos julgamentos externos, mas também ocorre entre as próprias crianças obesas, o que demonstra a intensa carga psicológica associada ao estigma da obesidade (JARVIE, et al., 1983).

A representação social da obesidade é construída por meio de processos sociais e culturais, nos quais determinados estereótipos e preconceitos são atribuídos às pessoas com obesidade. Esses estereótipos podem incluir a ideia de falta de autocontrole, preguiça, falta de disciplina e outras características negativas, reforçando a visão estigmatizante associada à obesidade. Essas representações sociais são compartilhadas e internalizadas pela sociedade, influenciando as atitudes, os comportamentos e as interações sociais.

Tendo em vista esses elementos, é visível que a epidemia global da obesidade não apenas afeta a saúde física, mas também influencia profundamente a qualidade de vida e o bem-estar emocional das pessoas, como no caso deste estudo, das crianças. Diante desse contexto, é fundamental compreender a perspectiva das crianças em relação à obesidade e aos estereótipos que carregam, a fim de desenvolver estratégias eficazes de combate ao estigma do tamanho corporal e promover uma cultura de aceitação e inclusão desde os primeiros anos pré-escolares.

O objetivo geral deste artigo é identificar pesquisas que apontem a percepção de crianças sobre a obesidade e as suas representações sociais. Por meio da revisão de estudos relevantes, buscamos compreender como as crianças enxergam a obesidade, quais estereótipos são atribuídos a pessoas com excesso de peso e como essas percepções podem afetar sua autoimagem e interações sociais. Além disso, pretendemos destacar a importância de tais percepções na formulação de estratégias de intervenção e educação voltadas para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e livre de preconceitos em relação à obesidade infantil.

Ao explorar a perspectiva das crianças nesse contexto, esperamos fomentar o avanço do conhecimento sobre o estigma do tamanho corporal na infância, contribuindo para um olhar sensível da obesidade sob múltiplas dimensões, especialmente, no que diz respeito aos aspectos mais sensíveis dos discursos como âmbito da subjetividade dos sujeitos.

Método

Esta revisão integrativa de literatura, com abordagem qualitativa, propósito exploratório e descritiva, pretende analisar as representações sociais da obesidade a partir da perspectiva das crianças, retratando um panorama da reputação do assunto em questão, possuindo o intuito de compreendê-la em sua complexidade.

A metodologia denominada “Revisão Integrativa de Pesquisa” tem por objetivo sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um determinado tema, de maneira sistemática e ordenada, com o objetivo de contribuir para o conhecimento dessa questão (ROMAN et al., 1998). Esse tipo de pesquisa organiza-se a partir de 6 fases, sendo elas: 1) identificação do tema e elaboração da pergunta; 2) estabelecimento dos critérios de exclusão; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4) análise dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

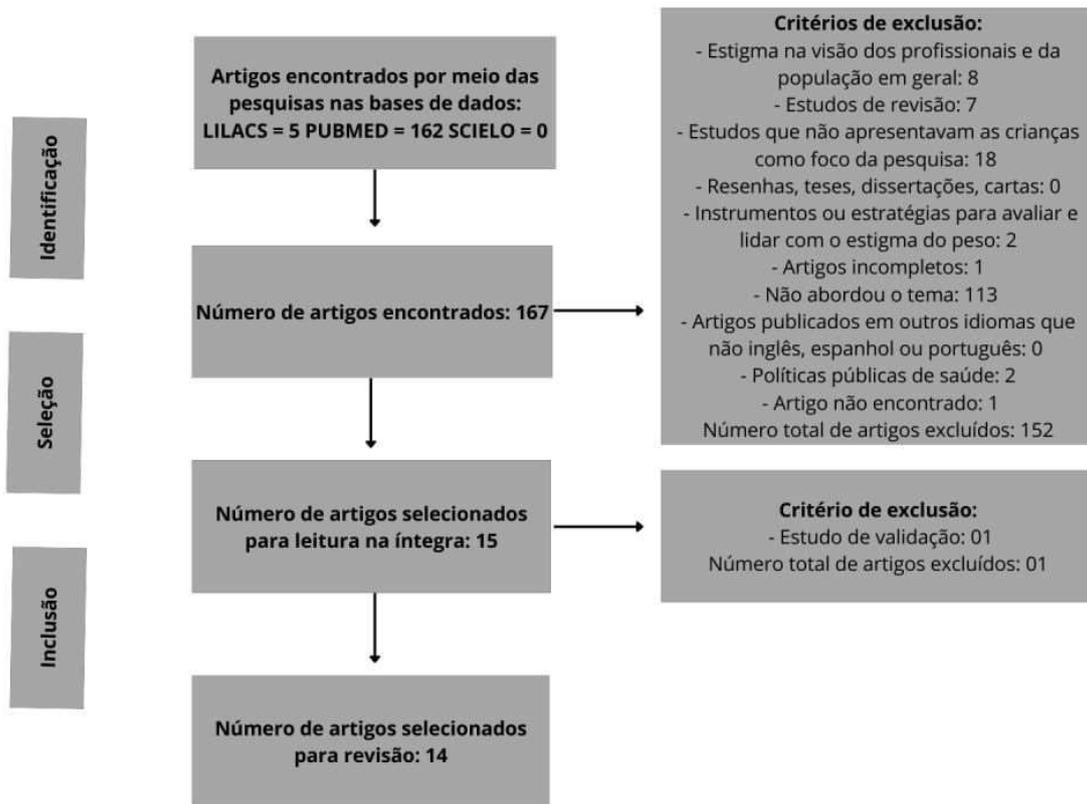
Para tanto, foi delineada a pergunta norteadora, sendo ela: “As crianças carregam algum tipo de estereótipo da obesidade na infância?”. Sobre os critérios de exclusão, foram definidos os seguintes parâmetros: a) artigos duplicados; b) artigos publicados em outros idiomas que não inglês ou português; c) estudos cujo a temática não contemplasse o tema; d) estudos de revisão bibliográfica; e) estudos que não apresentavam as crianças como foco da pesquisa e f) estudos que tratassem do estigma da obesidade na visão de profissionais e da população em geral.

Para a seleção de artigos, a fim de compor a revisão, foi realizada uma busca na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no PubMed. Foram utilizados os seguintes descritores na língua inglesa: “obesity”, “children” e “stereotyping”, fazendo o cruzamento a partir do operador booleano “and”. Na língua portuguesa, foram utilizados os descritores: “obesidade”, “crianças”, “estereotipagem”, “estigmatização”, “estigmas” e “percepção estereotipada”, realizando o cruzamento com o operador booleano “and” para os três primeiros termos e “or” para realizar o cruzamento dos termos restantes.

Dessa forma, o levantamento bibliográfico foi realizado no período entre janeiro de 2023 e março de 2023. Em seguida, os artigos selecionados foram analisados por meio da Análise Temática de Conteúdo. Essa metodologia consiste em um conjunto de procedimentos de análise das comunicações, não limitando-se ao literal, mas regendo-se de acordo com seus significados (BARDIN, 2011). Sendo assim, os estudos foram analisados de acordo com suas temáticas.

Quanto ao método utilizado para identificação dos artigos, utilizou-se as quatro etapas recomendadas pelo PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises), quais sejam: a) identificação; b) seleção; c) elegibilidade; e d) inclusão, como mostra a **Figura 1**.

Figura 1 - Fluxograma PRISMA da mineração dos artigos coletados nesta Revisão Integrativa da Literatura.



Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Resultados

Diante das buscas realizadas nas bases de dados, obtivemos um total de 167 artigos, após a aplicação dos critérios de exclusão descritos no tópico anterior, foram excluídos 152 estudos. Dos artigos pré-selecionados para a leitura na íntegra, efetuou-se a exclusão de 1 estudo de validação, totalizando 14 artigos. Esses artigos foram sinalizados pelas letras “A” até a “N” para uma melhor organização e sistematização dos dados da discussão, sendo descritas e apresentadas no **Quadro 1** a seguir.

Artigo avaliado	Ref.	Objetivo principal	Método/ instrumentos utilizados para avaliar o estigma	Principais resultados
A	Counts et al, 1986.	Avaliar o efeito relativo da atratividade facial e da construção corporal em crianças obesas e com peso normal.	Crianças obesas e com peso normal viram uma fotografia de uma adolescente com excesso de peso que supostamente poderia ser sua professora-estudante e foram solicitadas a avaliá-la quanto ao grau de contato desejado, atratividade percebida e competência. Posteriormente, as crianças selecionaram uma pessoa obesa ou com peso normal, vestida com um traje espacial oculto, por possuir várias características positivas e negativas.	Crianças obesas e com peso normal classificaram o aluno-professor de maneira semelhante em todas as dimensões. Além disso, o astronauta com peso normal foi visto como um melhor parceiro e líder, enquanto o astronauta obeso foi visto como mais triste, independentemente do status de peso da criança selecionada. Não foram observadas diferenças entre sexos biológicos. Os resultados indicaram que crianças obesas e com “peso normal” compartilham percepções semelhantes de obesidade, endossando o estereótipo positivo para pessoas com “peso normal” e o estereótipo negativo para pessoas obesas. No entanto, esses estereótipos podem ser um pouco negados nas mentes de ambos os grupos quando a pessoa obesa é fisicamente atraente e/ou está em uma posição de autoridade.
B	Kraig e Keel, 2001.	Examinar as diferenças de sexo na estigmatização infantil baseada no peso.	Com base na metodologia utilizada por Staffieri, cada criança recebeu uma série de ilustrações em preto e branco de meninos e meninas, uma dentro de cada uma das seguintes categorias de peso: gordinho, médio e magro, totalizando seis ilustrações para cada criança avaliar.	As crianças avaliaram desenhos de crianças magras mais favoravelmente e desenhos de crianças gordinhas menos favoravelmente. Meninas magras foram avaliadas de forma mais favorável do que meninas normais ou “gordinhas”, para as quais as avaliações não diferiram significativamente. Por outro lado, meninos “gordinhos” foram classificados de forma menos favorável do que meninos “normais” ou magros, para os quais as avaliações não diferiram significativamente.

C	Latner e Stunkard, 2003.	Replicar um estudo de 1961 sobre o estigma na obesidade infantil para observar o efeito que a prevalência aumentada da obesidade infantil teve sobre esse estigma.	Os seis desenhos originais usados por Richardson e colegas em 1961 foram apresentados aos participantes em um questionário para colocarem em ordem de quanto gostavam de cada criança.	Em ambos os estudos, as crianças gostaram menos do desenho da criança obesa. A criança obesa foi significativamente menos apreciada no presente estudo do que em 1961. As meninas gostaram menos da criança obesa do que os meninos. As crianças classificaram a criança saudável como a mais alta e significativamente mais alta do que em 1961.
D	Musher-Eizenman et al, 2004	Examinar como as percepções das crianças sobre o controle do peso podem estar relacionadas à estigmatização do tamanho do corpo e às seleções de amizade com base no tamanho.	O nível de lipofobia das crianças foi medido usando uma escala de classificação de adjetivos semelhante à técnica de diferencial semântico usada por Stager e Burke (1982). Para avaliar o grau em que as crianças usam o tamanho do corpo para selecionar amigos foi utilizada uma folha de papel bege de 8,5" x 11" com 18 figuras dispostas aleatoriamente. As crianças, então, selecionaram de todas as 18 figuras, a figura que gostariam de ter como melhor amigo. Para avaliar a atribuição de controle foi utilizado uma escala baseada em Anesbury e Tiggemann (2000), medindo as causas percebidas e as soluções para o excesso de peso, incluindo cinco itens apropriados para crianças em idade pré-escolar.	As classificações de adjetivos para a figura maior foram significativamente mais baixas do que aquelas para a figura menor. Na escolha do melhor amigo, a figura menor foi escolhida por 55% das crianças, a figura média por 38% das crianças e a figura maior por 7% das crianças. Em média, as crianças atribuíram um nível de controle baixo a moderado às crianças com excesso de peso.

E	Davison e Birch, 2004	Avaliar vínculos familiares em estereótipos de gordura e preditores de estereótipos entre meninas e seus pais.	O <i>Fat Stereotypes Questionnaire</i> foi desenvolvido para este estudo.	Pais com maior escolaridade e maior renda familiar eram mais propensos a endossar estereótipos, assim como mães e pais com alto investimento em sua aparência física. Embora nenhuma associação tenha sido encontrada entre os estereótipos de gordura das meninas e dos pais, as meninas eram mais propensas a endossar os estereótipos quando as interações com pais e colegas focavam na forma do corpo e na perda de peso. As meninas também eram mais propensas a endossar os estereótipos de gordura quando relataram níveis mais altos de atitudes alimentares desadaptativas. Não foram encontradas associações entre status de peso e estereótipos de gordura.
F	Klaczynski, 2007	Testar a hipótese de que as reações das crianças à obesidade operam de acordo com as “leis da contágio” (Rozin, Markwith, & Nemeroff, 1992; Rozin, Markwith, & Ross, 1990): os obesos transmitem propriedades negativas às pessoas e objetos com os quais entraram em contato. Esses objetos são então estigmatizados para que não haja contaminação com qualquer “essência” que os indivíduos obesos tenham passado para o objeto contaminado.	Oito garrafas de sucos do mesmo sabor, mas com cores distintas. Cada garrafa tinha uma foto de uma criança obesa ou uma criança de peso médio. Acima de cada foto havia o seguinte slogan: “Meu preferido, ajudei a fazer esse drink!”. Depois de provar uma amostra, as crianças avaliaram seu sabor em uma escala de 7 pontos.	As avaliações de sabor foram mais baixas, e as chances de adoecer foram consideradas maiores, quando as bebidas eram supostamente criadas por crianças obesas do que quando elas foram supostamente criadas por peso médio de crianças.

G	Bacardi-Gascón, Leon-Reyes, Jiménez-Cruz, 2007.	Determinar a estigmatização baseada no peso de crianças mexicanas com Excesso de Peso (EP) e sem EP por suas mães e colegas, que classificaram meninos e meninas com características físicas variadas.	Utilizaram um questionário contendo desenhos semelhantes, embora não coloridos, aos usados por Richardson et al. (1961) e foi aplicado pelo mesmo método relatado por Latner e Stunkard (2003).	A maioria das crianças escolheu a criança em cadeira de rodas como o amigo preferido. Meninos e meninas, indianos e não indianos, com e sem risco de EP escolheram o par obeso como o amigo menos preferido. As meninas sem EP e suas mães gostaram menos da criança obesa do que os meninos sem EP e suas mães.
H	Filho, David, Sakaue, Dias, Teixeira, Santos, Moriel e Ribas, 2009.	Verificar o grau de estigmatização de obesos em comparação com outros grupos discriminados, almejando que esta questão seja amplamente discutida por diferentes setores da sociedade.	Foram-lhes mostradas sete imagens caricaturais de jovens com aparência física diferente (Figuras 1 a 7): saudável, obeso, magro anoréxico, Pessoa Com Deficiência (PCD) em cadeira de rodas, PCD com muletas, PCD amputação do membro superior e queimado. Em seguida, foi-lhes solicitado para observarem atentamente as caricaturas e responderem a um questionário previamente elaborado, revelando seus próprios conceitos e percepções referentes às imagens.	Os obesos foram muito estigmatizados, porém não mais do que os queimados, o grupo mais estigmatizado sob todos os aspectos. Considerando-se as questões com conotações positivas, como “qual destes meninos você gostaria de ser?”, o magro anoréxico foi o segundo mais estigmatizado, seguido pelo obeso; o de aparência “normal” foi o menos estigmatizado, como esperado. Considerando-se as questões com conotações negativas, como “qual destes meninos você não gostaria de ser?”, o obeso foi o segundo mais estigmatizado e o PCD com muletas, o menos estigmatizado de todos, seguido do indivíduo com aparência “normal”.
I	Hansson, Karnehed, Tynelius e Rasmussen, 2009.	Examinar o preconceito de crianças contra vários tamanhos corporais de ambos os sexos.	Utilizaram um questionário de medição de estereótipos e preconceitos com silhuetas magras, de peso médio e obeso desenvolvido especificamente para esse estudo.	As crianças eram mais propensas a relatar preconceito contra a obesidade e magreza do que contra o peso corporal médio. Crianças com Nível Sócio Econômico (NSE) alto eram mais propensas a serem preconceituosas contra a obesidade em comparação com crianças com NSE baixo.

J	Hansson & Rasmussen, 2010.	Examinar preditores de estereótipos de obesidade infantil. Testando a hipótese de que os estereótipos de obesidade infantil estão positivamente associados às crenças dos pais sobre o controle do peso e negativamente associados ao tamanho corporal dos pais e às próprias preocupações das crianças em relação ao peso corporal.	O método para avaliar os estereótipos da obesidade foi desenvolvido especificamente para o estudo. Para avaliar o estíma corporal, foi utilizada a Escala de Estíma Corporal para Adolescentes e Adultos (BESAA). Para avaliar as crenças sobre a controlabilidade do peso, utilizou se três afirmações da subescala de Força de Vontade da Escala de Atitude Anti-gordura de Crandall.	Sobre os estereótipos da obesidade feminina, a aparência apresentou associação inversa com estereótipos de obesidade, indicando que quanto menor a estíma corporal, maior é o estereótipo de obesidade. O sexo biológico não mostrou associação com estereótipos de obesidade de meninos. Mas os meninos relataram estereótipos de obesidade mais elevados do que as meninas. As crianças mostraram estereótipos de obesidade mais fortes com a diminuição do tamanho do corpo dos pais.
K	Harrison, Rowlinson e Hill, 2016.	<p>Estudo 1: Investigar as avaliações de crianças pequenas e as escolhas entre personagens de histórias que variam em peso e deficiência física, eram apresentados como homem ou mulher e tinham amigos gordos ou com peso saudável.</p> <p>Estudo 2: repetir o Estudo 1, mas com um personagem central feminino e investigar se a forma do corpo dos amigos do personagem afetava as avaliações infantis desse personagem central.</p>	<p>Estudo 1: Livro de histórias com três versões, desenvolvido para o estudo, além de um questionário baseado em Harter e Pike's (1984) Escala Pictórica de Competência Percebida e Aceitação Social para Crianças Pequenas, projetada para reduzir a tendência a respostas socialmente desejáveis.</p> <p>Estudo 2: 5 versões da mesma história do estudo 1, além das escalas de figura corporal específicas de gênero de Collins (1991).</p>	<p>Estudo 1: crianças avaliaram e escolheram de maneira diferente quando o personagem masculino principal ('Alfie') era visivelmente diferente. Ser gordo teve uma penalidade relativamente pequena na tarefa de classificação, mas levou a uma rejeição em larga escala na tarefa de escolha em favor do personagem de peso saudável ('Thomas'). Além disso, a negatividade ao gordo 'Alfie' foi maior do que quando ele foi retratado em uma cadeira de rodas, pelo menos em termos de variedade de atributos que o gordo 'Alfie' foi rejeitado em favor de 'Thomas'.</p> <p>Estudo 2: as crianças classificaram 'Alfina' na parte neutra a positiva da escala (3 a 5) em quase todos os julgamentos dela, independentemente de sua forma corporal ou diferença na mobilidade. No entanto, quando solicitado a escolher entre os personagens, o gordo 'Alfina' foi rejeitado em favor do peso saudável 'Holly' em cinco dos nove atributos. A cadeira de rodas 'Alfina' foi rejeitada em apenas 2. Mais uma vez, a gorda 'Alfina' era extremamente improvável de ser escolhida como a melhor amiga da criança.</p>

L	Charsley, Collins e Hill, 2018.	Investigar a percepção de gordura de crianças pequenas no contexto de outras diferenças visíveis.	Teoria da construção pessoal. Escala de figura corporal de Collins.	Os personagens gordos, de gênero oposto e cadeirantes foram igualmente escolhidos pelas crianças como diferentes do personagem padrão. Ao identificar diferenças, a gordura ou a forma do corpo foram referidas significativamente menos do que o gênero ou utilizar cadeira de rodas. As crianças eram mais propensas a rejeitar um personagem do gênero oposto como amigo, ou como alguém que gostariam de ser, do que rejeitar o personagem gordo. Apenas uma criança, com excesso de peso, expressou fortes atitudes anti-gordura.
M	Murphy, Boardman, Robertson, Johnson, 2021.	Compreender os fatores culturais e contextuais que influenciam a obesidade infantil em uma população etnicamente diversa.	Estudo de métodos mistos multicomponentes (Murphy, 2018). As perspectivas da criança foram coletadas por meio de uma técnica de 'desenhar, escrever e contar' (Angell et al., 2014) em uma entrevista individual semi-estruturada.	As perspectivas das crianças revelaram temas universais sobre saúde, dieta, atividade física e peso e destacaram questões específicas de grupos étnicos e daqueles que vivem em áreas carentes. Uma característica subjacente era a estigmatização baseada no peso e os estereótipos de grupo, e ênfase em fatores internos como causa da obesidade. As crianças descreveram algumas experiências de desvantagem social, mas não as consideraram uma barreira para serem fisicamente ativas. As crianças identificaram práticas culturais ou religiosas ou experiências de migração que influenciaram a dieta e a atividade física.
N	Lipowska, Lipowski, Berezecka, Dykalska, Maško e Izydorczyk, 2022.	Analisar a relação entre associações de obesidade e felicidade feito por meninas e meninos pré-escolares (crianças de 5 anos).	Escala pictórica Beauty e Health.	Corpos obesos foram vistos como pouco atraentes, independentemente do gênero. Crianças com aparência associada à felicidade - o tipo de corpo identificado como o mais atraente fisicamente também foi visto como o mais feliz. Os escores mais baixos de felicidade também foram atribuídos aos tipos de corpo obesos, mas as meninas avaliaram os homens com um padrão normal.

Discussão

Ao decorrer da análise dos estudos, sucederam-se quatro temas em comum relevantes para a exploração na pesquisa aqui apresentada, sendo elas: estereótipo negativo, obesidade e o princípio da contaminação, relações interpessoais e obesidade e deficiências.

Estereótipo negativo

A estigmatização da obesidade faz com que o indivíduo seja reduzido ao seu peso, deixando de lado todos os outros atributos, sendo caracterizados por crenças e estereótipos (POULAIN, 2013). Apesar de apresentarem definições parecidas, há diferenças entre os dois conceitos: "os estereótipos podem existir sem estigmas e alguns estereótipos podem ser positivos, enquanto a estigmatização é sempre negativa." (ROZANI e FURTADO, 2010). Dessa forma, existe uma ambivalência relacionada ao corpo gordo na sociedade atual. O obeso que é engraçado e faz uso de força, no trabalho por exemplo, é considerado um obeso benigno, já todo obeso que não segue essa regra social é considerado um obeso maligno, um comilão descontrolado, "o primeiro é um gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão" (FISCHLER, 1989/2005, p.71). Os estudos relacionados com essa temática são demonstrações claras desse fenômeno.

O estudo de Kraig e Keel (2001) aponta que os indivíduos com obesidade eram mais propensos a serem associados a adjetivos negativos quando comparados a indivíduos eutróficos. Essa descoberta foi muito bem representada em outro estudo, no qual adjetivos negativos como "rudes, indiferentes, más, preguiçosas, tristes, raivosas, teimosas e impopulares" foram associados à imagens de crianças não saudáveis representadas através de desenhos realizados pelas próprias crianças entrevistadas (ver figura 2), ademais ocorreu a relação de adjetivos como "simpáticas, amáveis, gentis, inteligentes, determinadas, trabalhadoras, positivas e populares" aos desenhos de crianças saudáveis (MURPHY et al, 2021) resultados que foram semelhantes aos de Counts et al., (1986), na qual se apresentou que as crianças associavam o adjetivo "mais triste" ao indivíduo com obesidade e o adjetivo "um melhor parceiro e líder" ao indivíduo classificado como eutrófico.

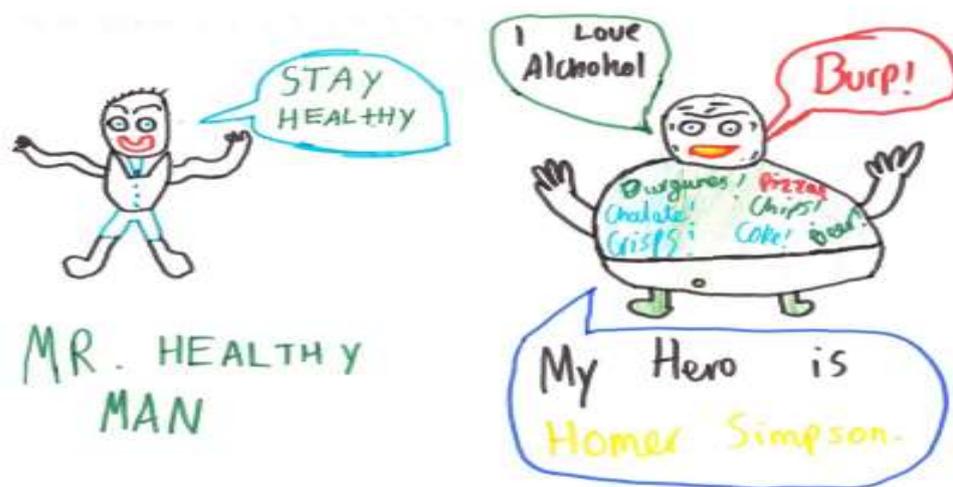


Figura 2. Desenho de uma criança saudável e uma não saudável por ID do participante 7. Este menino desenhou uma criança saudável (à esquerda) como positivo, com uma medalha em volta do pescoço e braços musculosos, enquanto o desenho da criança doente (à direita) era muito grande e fazia referência ao personagem de desenho animado Homer Simpson. (MURPHY et al, 2021).

Em contrapartida, no estudo de Hansson et al. (2009) as crianças não enfatizaram o corpo magro, elas associaram melhores adjetivos aos corpos de peso médio, porém os adjetivos negativos também foram associados aos corpos com obesidade (ver gráfico 1). Além disso, os estudos demonstraram que não há relação entre o Índice de Massa Corporal (IMC) das crianças estudadas com o nível de estereotipação da obesidade, ou seja, crianças com excesso de peso associam adjetivos negativos aos obesos da mesma forma que crianças com o peso ideal para a altura. (COUNTS et al, 1986; KRAIG e KEEL, 2001; HANSSON et al, 2009; HANSSON e RASMUSSEN, 2010).

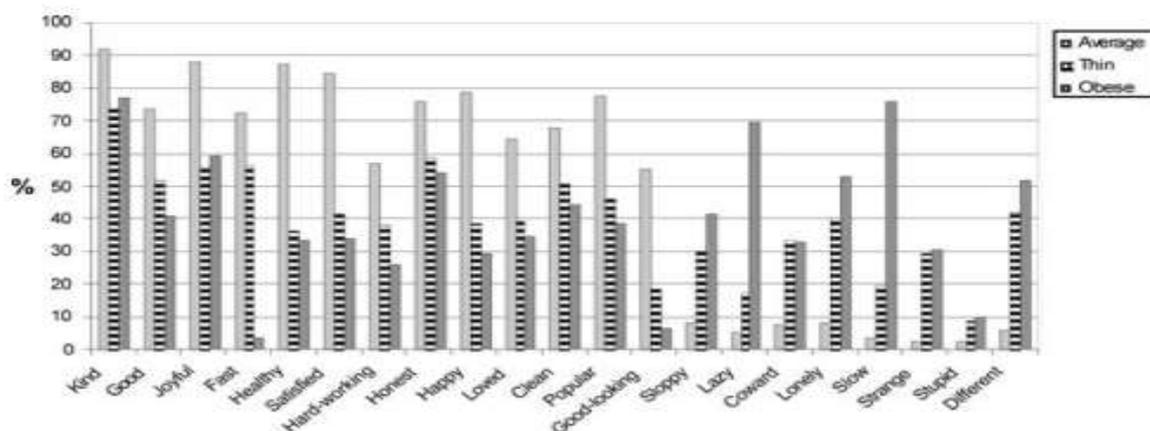


Gráfico 1. Porcentagem de crianças atribuindo adjetivos aos três diferentes tamanhos corporais (médio, magro e obeso) (HANSSON et al, 2009).

Princípio da contaminação

Em um dos estudos, os entrevistados avaliaram como pior sabor as bebidas que supostamente foram criadas por crianças obesas, além de terem associados maiores chances de adoecerem, caso venham a ingerir muito da bebida. Isso mostra que as crianças tendem a associar a obesidade como uma doença contagiosa e, por isso, precisam evitar outras crianças obesas para que não sejam contaminadas (KLACZYNSKI, 2007). Rozin e colaboradores explicam que quando um objeto entra em contato com o indivíduo desprezado, ele é desvalorizado e pode se tornar perigoso, o que explica a repulsa física e social aos indivíduos acometidos pela obesidade (ROZIN et al, 1989; FISCHLER, 1995).

Essa repulsa é representada na figura 3 do artigo M, retratando que a criança “não saudável” não tem amigos, além de associá-la a sempre comer “junk food” (MURPHY et al, 2021), distanciando um hábito saudável comum na infância, a brincadeira com os amigos, além de reforçar os estigmas sofridos por indivíduos com obesidade. Sendo assim, a rejeição da obesidade na sociedade pode ser descrita como uma aversão à gordura, cenário que desenvolve e amplia, ainda mais, o padrão estético da magreza, quadro que Fischler denominou de lipofobia (POULAIN, 2013; FISCHLER, 1995) e, completou dizendo que:

[...] geralmente se está de acordo quando se diz que uma das características da nossa época é sua lipofobia, sua obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca à obesidade: ‘A sociedade, dizia o nutricionista Jean Trémolières, cria os obesos e não os tolera. (FISCHLER, 1995, p. 69).

Outro ponto importante para explorar é que ao associarmos o conceito de saúde ao que a sociedade considera como o padrão estético, é não considerar que esse conceito abrange outros aspectos e não só a estética. Tendo em vista que é na infância que acontece a formação dos hábitos alimentares, o desenvolvimento escolar e a construção da personalidade, considerar o comportamento da aversão à obesidade como normal e justo acarreta impactos negativos no desenvolvimento do indivíduo. Suas conseqüências podem gerar atitudes prejudiciais para criança a fim de que haja aceitação social, além de retirar o processo de singularidade do indivíduo. (CANGUILHEM, 1966; CAHNMAN, 1968; POULAIN, 2013).



Figura 3. Desenho de uma criança doente pelo participante ID 26. Este menino desenhou uma criança doente como impopular (não tendo ‘amigos’). O texto diz ‘come muito junk food e chocolate. Brinca em estradas movimentadas e se machuca. Sem amigos’. (MURPHY et al, 2021).

Relação interpessoal

Os estudos em questão tornam claro, acima de qualquer evidência, que a estigmatização do tamanho do corpo é um problema global que afeta as crianças desde cedo. No artigo G, os autores destacam que a estigmatização de crianças com sobrepeso ou obesidade pode ter conseqüências negativas para a saúde mental e física dessas crianças. Além disso, no estudo M, as crianças relataram que se sentiam pressionadas a ter um corpo magro e a seguir dietas restritivas, o que pode levar a hábitos de comportamentos alimentares prejudiciais, ou seja, transtornos alimentares (GASCÓN, REYES e CRUZ, 2007; MURPHY et al., 2021).

Outro fator perceptível nos estudos é a importância da família na estigmatização das crianças com sobrepeso. Tal como no estudo E, a pressão familiar para que as crianças percam peso e mantenham uma figura considerada saudável foi associada ao maior estereótipo negativo. Além disso, no estudo J, o comportamento alimentar dos pais comumente foi associado à percepção de obesidade nas crianças (DAVISON e BIRCH, 2004; HANSSON e RASMUSSEN, 2010).

Assim, os estudos selecionados evidenciam a importância da promoção da inclusão e o respeito às diferenças desde a infância, para que assim, as crianças possam crescer saudáveis, tanto fisicamente quanto mentalmente. Em outras palavras, para que tenham qualidade de vida independentemente de seu tamanho ou aparência física. Além disso, os estudos em questão destacam a importância de se conscientizar sobre a atribuição de controle em relação ao peso e o papel da família na estigmatização do tamanho do corpo.

Contudo, entendendo a criança como um ser-no-mundo, ela afeta e é afetada por seu meio. Quando este mundo estabelece critérios excludentes de padrão social torna-se mais significativo à forma como são afetados.

Obesidade em relação à deficiência

Os artigos retratam que as crianças com sobrepeso ou obesidade são majoritariamente vistas negativamente ou de maneira menos favorável, seja por colegas de classe, ou até mesmo adultos e profissionais que com elas trabalham. Essas crianças são excluídas de brincadeiras, grupos de amigos e demais interações, ficando evidente que os grupos rejeitam mais facilmente as crianças com obesidade comparada às crianças com algum tipo de deficiência física.

Os artigos também evidenciam que a estigmatização começa na infância, pois as crianças por não entenderem a gravidade de suas palavras, podem ser bastante cruéis e preconceituosas em relação aos colegas com obesidade. Tal comportamento normalmente está associado à convivência familiar, visto que, as crianças tendem a reproduzir os hábitos das pessoas com a qual convivem.

No estudo K, as crianças relataram a preferência por não ter amigos com sobrepeso. Já no estudo H, foi constatado que a estigmatização de obesos tende a ser maior do que a de PCD, perdendo apenas para os queimados (ver gráfico 2). Além disso, também há destaque para importância da inclusividade e respeito às diferenças. No estudo G, os autores defendem que intervenções devem ser tomadas para que haja a redução da estigmatização e promoção da autoestima e saúde mental das crianças obesas (GASCÓN, REYES e CRUZ, 2007; FILHO et al., 2009; HARRISON, ROWLINSON e HILL, 2016).

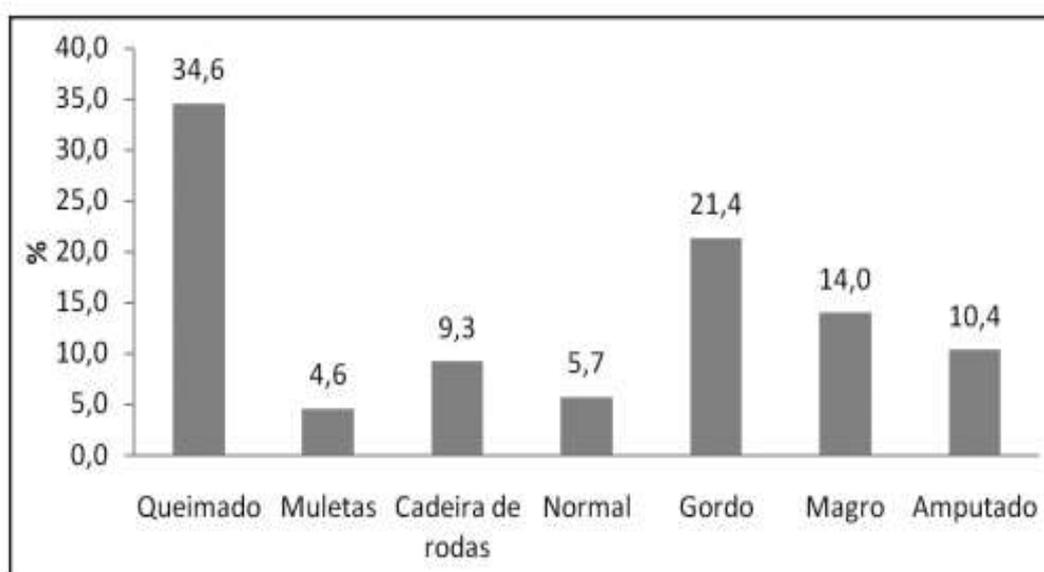


Gráfico 2. Média percentual final obtida para cada grupo em relação à estigmatização de aspectos negativos (FILHO et al., 2009).

O estudo C teve como objetivo replicar um estudo de Richardson et al. (1961), que avaliava o estigma na obesidade infantil, para saber qual o efeito que a expansão da obesidade infantil teve sobre esse estigma. As evidências do estudo indicaram a existência de estereótipos negativos e de discriminação social em relação à obesidade infantil. Cerca de 40 anos depois, as crianças eram ainda menos propensas a escolher o desenho da criança obesa, os autores ressaltaram:

A descoberta mais importante deste estudo foi que as crianças eram mais fortemente tendenciosas contra a criança obesa e que essa tendência era ainda mais forte em 2001 do que em 1961. A criança saudável também foi mais apreciada em 2001 do que em 1961, tornando ainda maior a diferença entre a criança obesa e a não obesa (LATNER e STUNKARD, 2003;).

Em contrapartida, podemos observar que a criança com o rosto desconfigurado obteve maior aceitação, o que pode ser resultado de maior inclusão e educação sobre indivíduos de diferentes etnias (ver figura 4). O aumento na prevalência da obesidade durante este período e a presumível maior familiaridade das crianças com a obesidade parecem ter feito pouco para o enfrentamento da estigmatização. (LATNER e STUNKARD, 2003; HARRISON, ROWLINSON e HILL, 2016).

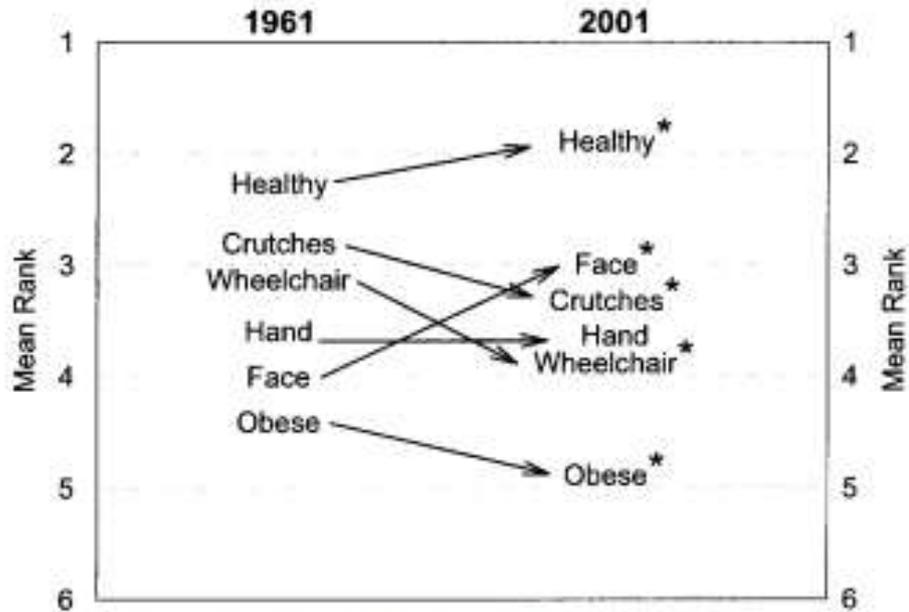


Figura 4: Ordem de classificação dos desenhos relatada em 1961 por Richardson et al. e ordem hierárquica dos desenhos encontrados no estudo C. Os asteriscos indicam diferenças significativas (LATNER e STUNKARD, 2003).

Nesse sentido, há a existência de estereótipos negativos e estigmatização em relação à obesidade infantil, tanto por parte das crianças quanto dos adultos. Essa estigmatização pode ter impactos significativos na saúde das crianças com obesidade, levando a problemas como transtornos alimentares e obesidade crônica. Dessa forma, é essencial promover a inclusão, respeitar as diferenças e combater, por meio de políticas públicas, os estereótipos negativos associados à obesidade desde a infância, a fim de garantir o bem-estar e a felicidade das crianças.

Considerações finais

Em conclusão, é possível perceber que a visão negativa e a estigmatização de crianças com obesidade é um problema de escala global e que mais pesquisas são necessárias para o entendimento aprofundado de causas e consequências. Além disso, é de extrema importância a promoção da inclusão e o respeito às diferenças por meio de políticas públicas, por pais e/ou responsáveis, bem como pelas escolas, visando um ambiente menos nocivo e menos estigmatizado para que as crianças possam ter garantia do direito de crescer saudáveis, felizes e sem rejeição social.

Dessarte, fica evidente que mais pesquisas são necessárias para compreensão das causas e consequências da estigmatização da obesidade, e desenvolvimento de intervenções efetivas que possam ajudar a reduzir esse problema. Será interessante que os próximos estudos realizados analisem o contexto da atenção básica, em especial no Programa de Saúde da Família, a distância entre as intenções das políticas públicas de saúde e as realidades sobre as quais elas se dirigem.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica - ABESO. Mapa da Obesidade. ABESO; 2019. Disponível em: <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>.
- BACARDI-GASCÓN, M.; LEON-REYES, M. J.; JIMÉNEZ-CRUZ, A. Stigmatization of overweight Mexican children. *Child psychiatry and human development*, v. 38, n. 2, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAHNMAN, W. J. The stigma of obesity. *The sociological quarterly*, v. 9, n. 3, p. 283-299, 1968.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 1995.
- CANNING H, MAYER J. Obesity: its possible effect on college acceptance. *N Eng J Med*, n. 275, p. 1172-1174, 1966.
- CHARSLEY, J. S.; COLLINS, S. C.; HILL, A. J. The bigger picture: young children's perception of fatness in the context of other physical differences. *Pediatric obesity*, v. 13, n. 9, p. 558-566, 2018.
- COUNTS, C. R. *et al.* The Perception of obesity by normal-weight versus obese school-age children. *Child psychiatry and human development*, v. 17, n. 2, p. 113-120, 1986.
- CRAMER P, STEINWERT T. Thin is good, fat is bad: how early does it begin? *J Appl Dev Psychol*. v.1, n. 19 p. 429-451, 1998.
- DAVISON, K. K.; BIRCH, L. L. Predictors of fat stereotypes among 9-year-old girls and their parents. *Obesity research*, v. 12, n. 1, p. 86-94, 2004.
- FILHO, R. *et al.* Avaliação do grau de estigmatização de obesos em população infanto-juvenil de escolas públicas de um município do Estado de São Paulo - Evaluation of stigmatization of the obese in an infant-juvenile population of public schools of a council localized in the State of São Paulo - *Rev. São Paulo - Rev. Soc. Bras. Clín*, 2009.
- FISCHLER, C. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.
- FISCHLER, C. **Políticas do corpo**. 2a ed. Tradução Mariluce Moura. Org.; São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- FRENCH SA, STORY M, PERRY CL. Self-esteem and obesity and children and adolescents: a literature review. *Obes Res*, v.3, p. 479-490, 1995.
- GOLDFIELD, A., CHRISLER J. C. Body stereotyping and stigmatization of obese persons by first graders. *Percept Mot Skills*, n. 81, p. 909-910, 1995.
- HANSSON, L. M. *et al.* Prejudice against obesity among 10-year-olds: a nationwide population-based study. *Acta paediatrica* (Oslo, Norway: 1992), v. 98, n. 7, p. 1176-1182, 2009.
- HANSSON, L. M.; RASMUSSEN, F. Predictors of 10-year-olds' obesity stereotypes: A population-based study. *International journal of pediatric obesity: IJPO: an official journal of the International Association for the Study of Obesity*, v. 5, n. 1, p. 25-33, 2010.
- HARRISON, S.; ROWLINSON, M.; HILL, A. J. "No fat friend of mine": Young children's responses to overweight and disability. *Body image*, v. 18, p. 65-73, 2016.
- JARVIE G.J, *et al.* Childhood obesity and social stigma: what we know and what we don't know. *Dev Rev.*, v.1, n.3, p.237-273, 1983.
- KLACZYNSKI, P. A. There's something about obesity: Culture, contagion, rationality, and children's responses to drinks "created" by obese children. *Journal of experimental child psychology*, v. 99, n. 1, p. 58-74, 2008.
- KRAIG, K. A.; KEEL, P. K. Weight-based stigmatization in children. *International journal of obesity* (2005), v. 25, n. 11, p. 1661-1666, 2001.

LATNER, J. D.; STUNKARD, A. J. Getting worse: The stigmatization of obese children. **Obesity research**, v. 11, n. 3, p. 452-456, 2003.

LIPOWSKA, M. et al. Does obesity rule out happiness? Preschool children's perceptions of beauty-related happiness. **BMC pediatrics**, v. 22, n. 1, 2022.

MURPHY, M. et al. Children's perspectives and experiences of health, diet, physical activity and weight in an urban, multi-ethnic UK population: A qualitative study. **Child: care, health and development**, v. 47, n. 5, p. 597-607, 2021.

MUSHER-EIZENMAN, D. R. Body size stigmatization in preschool children: The role of control attributions. **Journal of pediatric psychology**, v. 29, n. 8, p. 613-620, 2004.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

ROMAN, Arlete Regina; FRIEDLANDER, Maria Romana. REVISÃO INTEGRATIVA DE PESQUISA APLICADA À ENFERMAGEM. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 3, n. 2, 1998.

RONZANI, T. M.; FURTADO, E. F. Estigma social sobre o uso de álcool. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010.

ROZIN, P. et al. Operation of the sympathetic magical law of contagion in interpersonal attitudes among Americans. **Bulletin of the Psychonomic Society**, v. 27, n. 4, p. 367-370, 1989.

VAZQUEZ HD. O pediatra e as dificuldades na aprendizagem: intervenção preliminar. **Psicopedagogia**. n. 19, p. 4-9, 2001.